



## **VIOLÊNCIA SEXUAL: O USO DE IMAGENS COMO CREDIBILIDADE DA PALAVRA DAS MULHERES<sup>1</sup>**

**SEXUAL VIOLENCE: THE USE OF IMAGES AS WOMEN'S WORD CREDIBILITY**

**Joice Andressa Fritz Drefs<sup>2</sup>, Maria Simone Vione Schwengber<sup>3</sup>, Cauana Peyrot Conceição<sup>4</sup>, Ana Laura Arnhold<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido como requisito parcial de obrigatoriedade de Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia e Mestranda em Educação nas Ciências (Bolsista PROSUP/CAPES) na UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Educação nas Ciências (UNIJUÍ).

<sup>4</sup> Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUÍ-PPGEC). Bolsista CAPES. cauanapc@hotmail.com

<sup>5</sup> Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUÍ-PPGEC). Bolsista CAPES. analaura\_arnhold@hotmail.com

### **RESUMO**

Essa escrita se move pela intencionalidade de pesquisar problemas, não temas (DREFS, BATTISTI, 2021) e ainda, a não violência dos corpos. Além disso, dialoga com e/ou tenciona o contexto social do Brasil em 2022, em que as violências contra o gênero feminino vigoram. Diante disso, objetiva-se discutir acerca da violência sexual contra as mulheres e as imagens como recursos de credibilidade da palavra, tensionandos a partir de um caso repercutido nas mídias sociais, em que um médico estuprou uma mulher grávida durante seu parto. Logo, essa escrita possui abordagem metodológica qualitativa, relacionando-se de forma visceral com as pesquisadoras, uma vez que se movem pelos princípios feministas e compreendem o silêncio como uma forma de violência. Dessa forma, a presente escrita assume um posicionamento ético, social corpóreo e de coletividade feminina (BUTLER, 2021) longe da neutralidade.

**Palavras-chave:** Imagem. Mulheres. Violência sexual.

### **ABSTRACT**

This writing moves by the intention of researching problems, not themes (DREFS, BATTISTI, 2021) and also, the non-violence of bodies. In addition, it dialogues with and/or intends the social context of Brazil in 2022, in which violence against the female gender prevails. In view of this, the objective is to discuss sexual violence against women and images as resources of credibility of the word, tensioning from a case resonated on social media, in which a doctor raped a pregnant woman during her delivery. Therefore, this writing has a qualitative methodological approach, relating in a visceral way with the researchers, since they move by feminist principles and understand silence as a form of violence. In this way, the present writing assumes an ethical, corporeal social and feminine collective position (BUTLER, 2021) far from neutrality.



**Keywords:** Image. Women. Sexual Violence.

## INTRODUÇÃO

Iniciamos essa escrita com o poema “NÃO É TODO HOMEM, MAS É SEMPRE UM HOMEM” (FIGG, 2022)<sup>1</sup>, com o propósito de desfrutarmos da licença poética, a fim de que ajude-nos a alastrar a reflexão que se segue.

No necrotério depois de mortas.  
Com meses de vida.  
Na infância.  
Na pré adolescência.  
Na adolescência.  
Adultas.  
Idosas.  
NO PARTO.  
Nas clínicas psiquiátricas.  
Nas consultas médicas de qualquer especialidades  
Na rua, na igreja e em casa.  
Pelo, pelo padrasto, pelo avô, pelo tio, pelo professor, pelo padre, pelo pastor, pelo médium, pelo MÉDICO, pelo marido, pelo primo, pelo irmão.  
Nem todo homem, mas sempre um homem

Pelas entrelinhas do poema, entende-se que Figg (2022) denuncia as violências sexuais e sociais contra as mulheres. O eu-lírico destaca que esse tipo de violência pode ocorrer em qualquer lugar, com qualquer idade, estejam as mulheres vivas ou mortas. Ainda, enfatiza esse tipo de violência sendo cometida por homens, os quais podem assumir uma relação de parentesco, cuidado e mentoria com as vítimas.

Figg (2022) também expressa através da poética a violência de gênero, marcada pela desigualdade entre os gêneros masculinos e femininos, em que as mulheres têm seus corpos violados por homens, sobretudo, em momento de vulnerabilidade. Ainda, deixa evidente em caixa alta as palavras: “NO PARTO” e “MÉDICO”. Uma vez que, a escrita desse poema originou-se após a repercussão de um caso de violência sexual cometida durante o parto e perpetrada pelo médico anestesista.

A poesia de Figg (2022) converge com a realidade uma vez que, conforme o <sup>o</sup>16 Anuário de Segurança Pública (FBSP, 2022) nos últimos 10 anos<sup>2</sup> 583.156 pessoas foram

---

<sup>1</sup> Artista Tracy Figg

<sup>2</sup> 2012 a 2021.



vítimas de estupro e estupro de vulnerável<sup>3</sup> no Brasil. No último ano (2021), foram registradas 66.020 ocorrências de estupros, dos quais 45.994 casos são caracterizados como estupro de vulnerável, totalizando 75,5 % das vítimas e ainda, considera-se que 88,2% de todos os estupros do Brasil foram cometidos contra mulheres, tendo 95,4% homens como perpetradores dessas violências.

Destacamos também a utilização do caso de violência praticada pelo médico para tensionar a presente escrita, que tem como centralidade as violências contra as mulheres e a discussão acerca da imagem visual como ferramenta contemporânea de suporte na credibilidade da palavra da mulher e elemento contra a violência de gênero.

## **METODOLOGIA**

A presente escrita caracteriza-se como uma pesquisa básica, de abordagem metodológica qualitativa, possuindo objetivo explicativo. Assim, como procedimento de pesquisa, utiliza-se a pesquisa bibliográfica. O caminho metodológico utilizado foi a investigação compreensiva, que recorre ao aporte teórico como um sistema de conhecimento capaz de descrever, explicar e prever certos fatos (fenômenos) ou aspectos.

Tal abordagem relaciona-se também a nós como pesquisadoras e mulheres, pois considerando o mundo contemporâneo (2022) em que as violências acerca de alguns corpos ainda vicejam, sobretudo as violências contra as mulheres. Não nos sentimos tranquilas em deixar essa temática no silêncio. Por consequente, nesse fenômeno reside, em parte, o significado desta escrita, a inserção social, política e ética de tal discussão.

## **VIOLÊNCIA SEXUAL: UM CASO REPERCUTIDO**

Julho de 2021. Divulgava-se nas manchetes dos jornais brasileiros e nas páginas do Instagram: “Dói ser mulher no Brasil, onde um médico estupra uma mulher durante o parto “e ainda, “Vídeo flagrou momento em que MÉDICO ANESTESISTA estuprando grávida durante parto”.

---

<sup>3</sup> Crianças e sujeitos incapazes de consentir.



Manchetes de uma história que marcaram a violência praticada por um homem, em um momento de vulnerabilidade física de uma mulher. Ao dar à luz através de um parto cesárea, no Hospital da Mulher, no Estado do Rio de Janeiro, o médico anestesista estuprou<sup>4</sup> uma mulher, que estava desacordada, visto que a anestesia foi administrada por ele.

Um conjunto de enfermeiras desconfiavam a cerca de um mês do comportamento do médico, uma vez que o mesmo ficava em pé junto à cortina que erguia-se perto das faces das mulheres, não seguindo o procedimento padrão, posto que deveria ficar sentado monitorando os sinais vitais das pacientes. Outro comportamento suspeito era referente ao avental cirúrgico que o médico utilizava, o qual estava sendo usado de forma invertida, com a fenda na parte frontal do corpo, facilitando o estupro e indicando que as intenções já estavam sendo premeditadas.

Ainda, as enfermeiras notaram que o médico aplicava mais sedativo que o habitual, em que as mulheres ficavam totalmente desacordadas. De acordo com Associação de Ginecologia e Obstetrícia do Estado do Rio de Janeiro (2022) o habitual em casos de cesariana são anestésias em que a mulher possa participar do parto, tornando tal prática de sedação não comum, administrada somente quando algo não acontece conforme o habitual.

As enfermeiras ao serem designadas para uma determinada sala de operação, que possuía um armário próximo ao médico, utilizaram um aparelho celular escondido para registrar em vídeo o que ele fazia durante a cirurgia de cesárea. Nas imagens ele aparece introduzindo o pênis na boca da grávida, realizando leves movimentos enquanto a equipe realizava a cesariana. O vídeo permitiu que o anestesista fosse preso em flagrante.

Destacamos nesse caso, a violência sexual cometida através do estupro de vulnerável, o qual está disposto no art. 217-A do Código Penal Brasileiro de 1940, sendo considerado como: “ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos”. Incluso nesta, está o primeiro parágrafo do art. 217-A, que considera estupro de vulnerável a quem pratica as ações descritas acima com sujeitos que possuem alguma enfermidade ou deficiência mental, os quais não tem capacidade de discernimento para pratica do ato sexual e/ou resistência para tais atos. Considera-se nesta situação estupro de vulnerável uma vez que a mulher em questão estava desacordada, impossibilitada de resistir.

---

<sup>4</sup> De forma oral.



## **CREDIBILIDADE NA PALAVRA DAS MULHERES: O USO DE IMAGENS**

Através das tecnologias digitais, a formação de coletivos femininos se une para trocas e discussões de pautas feministas e apoio feminino. Destacamos também a coletividade feminina das primeiras décadas do século XXI, a qual se apresenta como uma forma de resistência, uma vez que estão mais equipadas tecnologicamente do que as gerações anteriores de mulheres.

Assim damos ênfase à importância das imagens nos processos contemporâneos como fundamentais no processo denunciativo das vulnerabilidades, tratando da potência e da civilização da imagem. Entendemos que as imagens mostram a veracidade do acontecimento como parte da interface entre o acontecimento e a denúncia por um espaço de cidadania através do seu poder.

Historicamente há desconfianças deliberadas em relação à palavra das mulheres, um tipo de crime entre “quatro paredes”, longe do olhar de testemunhas. As imagens, os áudios, os vídeos estão sendo cada vez utilizados como prova de veracidade para fins de registro, bem como apoio à voz das mulheres nas denúncias (DREFS *et al.*, 2022. No prelo). A insurgência das imagens como suporte ativo de uma escritura de uma memória da denúncia, cronologicamente empurrada ao desmerecimento da palavra das mulheres e que, no entanto, agora pode ser vista e ouvida (HOOK, 2019). Schwengber (2021) observa a dimensão da disputa política das imagens sobre o registro, uma forma de visibilidade e dizibilidade da precária (sem voz).

Assim, as imagens rompem com essa organização de poder ao refazer a partilha social, como destaca Butler (2020). Um ato político para Butler, o que implica outra lógica que deseja participar e, simultaneamente, mostrar a sociedade, se fazendo ver, ou ainda, se fazendo ouvir, o que significa para as mulheres serem ouvidas no espaço público dessa maneira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como consideração, vale apontar a necessidade de maior reflexão sobre as imagens em ações políticas feministas no espectro político da partilha social, no coletivo. Pensando no



aspecto dos registros das imagens como suporte da ação estético-política e dessa inversão da escritura de violência em escritura de resistências, de denúncias, acrescentamos aqui, uma relação capaz de expandir a voz das mulheres. É da ordem dos acontecimentos, o que está em jogo é o campo de forças que se ativa pelos registros das imagens. Tratamos de erguer a voz e, estabelecendo uma nova relação com as imagens, principalmente, se fazendo ver e ouvir no intuito de mudar. Pensar na construção de uma política da memória que tenha nas imagens possíveis ferramentas que potencializam em última análise, como respostas às violências.

### AGRADECIMENTOS

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001";

"O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil";

"O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPERGS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil".

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Disponível em .

BUTLER, Judith. **A força da não violência**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

DREFS, Joice Andressa Fritz; BATTISTI, Isabel Koltermann. PESQUISA DO CAMPO EDUCACIONAL: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS. **Salão do Conhecimento**, v. 7, n. 7, 2021.

FIGG, Tracy. ❤️. 11 jul. 2022. Instagram: @tracyfigg. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cf4gq0wuLsc/>. Acesso em 5 jul. 2022

DREFS, Joice Andressa Fritz; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; SCHENEIDER, Júlia Amanda Herter. **As violências corporais e sexuais: um relato de experiência do que pode a educação**, 2022. (no prelo)



HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** São Paulo: Elefante, 2019

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **O uso das imagens como recurso metodológico.**  
In: In.MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. **Belo Horizonte: Mazza Edições, v. 2, 2012.**